

O MESTRE RANGEL

Ana Cláudia da Silva¹

RESUMO

Tendo como ponto de partida os depoimentos de Autran Dourado sobre o escritor mineiro Godofredo Rangel, analisa-se aqui a personagem Sílvio Sousa, do romance *Um artista aprendiz*, de Dourado (1998); esta, segundo o autor, é uma ficcionalização do mestre Rangel. O romance narra a trajetória de um escritor principiante, cujo encontro com a personalidade literária de Godofredo Rangel torna-se decisivo para a sua formação..

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Pré-Modernismo; Godofredo Rangel; Autran Dourado.

ABSTRACT

Having as a starting point the testimonials by Autran Dourado about the Brazilian writer of the State of Minas Gerais Godofredo Rangel, it is here analyzed the character Sílvio Sousa from the romance *Um artista aprendiz*, by Dourado (1998); this is, according to the author, a fictionalization by the master Rangel. The romance narrates the trajectory of a novice writer, whose encounter with the literary personality of Godofredo Rangel becomes decisive for his own transformation.

Key-words: Brazilian Literature; Pre-Modernism; Godofredo Rangel; Autran Dourado.

Curiosa é a nota biobibliográfica de Autran Dourado, que precede a leitura de seu romance *Um artista aprendiz* (1989). Nela, Waldomiro Freitas Autran Dourado é apresentado essencialmente como aprendiz; os dados biográficos selecionados dizem respeito às leituras feitas pelo autor e à sua formação escolar, mencionando nomes de professores que teriam marcado a trajetória do hoje escritor: dona Avelina Martins da Cunha, a professora do curso primário, que o obrigara a ler *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano (1998).

Em *Um artista aprendiz*, Autran Dourado (1989) constrói um romance de aprendizagem, no qual narra o percurso de formação de um escritor – João da Fonseca Nogueira. A voz do narrador heterodiegético cede lugar, por vezes, ao segundo

¹ Doutora em Estudos Literários. Docente do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde e pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/Araraquara. E-mail: anaclsv@uol.com.br

narrador, autodiegético, que expõe suas memórias de forma não linear, como fluxo de pensamento; essas inserções, marcadas com itálico, ocorrem nos dois primeiros capítulos, que narram a viagem do protagonista da fictícia Duas Pontes para Belo Horizonte, a fim de cursar o Colégio. Com elas o autor ata o fio da memória, que depois é continuado pelo narrador heterodiegético. Este recurso torna a aparecer no décimo quinto capítulo da obra, a propósito de uma digressão do protagonista a respeito de seu passado, dos amigos, dos amores, dos trabalhos planejados e felizmente não realizados.

Os diálogos comparecem entremeados à narrativa principal, sem destaque tipográfico, mas com a indicação dos falantes em um discurso direto que se insere, também, na narrativa principal.

O romance, de 1989, é dedicado a Artur Versiani Veloso, professor de História da Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras. Veloso fora professor de Dourado no ginásio, no Colégio Marconi, em Belo Horizonte, onde se dá esse encontro tão importante para o escritor. Em sua biografia, é referido como um encontro “[...] da maior importância na sua formação, pois [Veloso] foi seu mestre de filosofia e português, inculcando-lhe o amor aos clássicos portugueses e a paciência na filosofia” (DOURADO, 1989, p. viii). Demonstrava o professor Veloso grande apreço pela filosofia de Kant, o que nos remete à personagem Sinval de Sousa que, no romance, é o professor que ministrou a primeira aula de João no Colégio São Caetano, em Belo Horizonte, onde cursou o clássico. A presença desse professor seria tão marcante na trajetória formativa do escritor aprendiz ficcional quanto a impressão, na memória, de sua primeira aparição:

João estava sentado na primeira fila e era com ansiedade que aguardava a entrada do prof. Sinval de Sousa, de Filosofia. Quando a porta ruidosamente se abriu e entrou na sala um homem alto e forte, de grossos óculos rosa de míope. O cabelo muito preto e liso, penteado para trás, ele caminhou em largas passadas até o quadro negro, onde escreveu em letras enormes K A N T. Sem dizer uma só palavra, se sentou, ficou algum tempo em silêncio, ruminando, a boca larga e carnuda remexendo. Com toda a pachorra, tirou um lenço do bolso e se pôs a limpar demoradamente os óculos, cujas lentes ele soprou. Tudo muito estudado, se fazia esperar, criava suspense. (DOURADO, 1989, p. 56).

Na sequência, o professor despeja sobre os alunos uma porção de conhecimentos sobre os quais João não tinha sequer uma referência, o que o faz ficar perdido e, ao

mesmo tempo, maravilhado com a figura do professor, que se tornará, na sequência do romance, uma referência para João no estudo da Filosofia.

Além de Artur Veloso, *Um artista aprendiz* (DOURADO, 1989) é dedicado também a Godofredo Rangel, um mestre noutro sentido: mestre na arte de escrever, Rangel se teria tornado para Autran Dourado uma referência fundamental entre os leitores da sua geração.

A biobibliografia de Dourado menciona apenas de passagem seu encontro com Rangel: “Aos 17, [Autran Dourado] tinha pronto um livro de contos, que o pai levou para o escritor Godofredo Rangel ler. Godofredo foi decisivo na sua vida de escritor. Leu os originais e lhe disse: ‘Felizmente você não é precoce. Guarde o livro e continue lendo, atualizando-se’.” (DOURADO, 1989, p. ix)

Godofredo Rangel é hoje um escritor com uma parca fortuna crítica. Seu nome ficou gravado na história da literatura brasileira pela correspondência de quarenta anos com o amigo Monteiro Lobato, divulgada em *A barca de Gleire* (LOBATO, 1944). Publicado em 1920 e considerado pela crítica em geral como o romance mais representativo da obra de Rangel, *Vida ociosa* (2000) teve nova edição por ocasião dos oitenta anos de sua publicação, integrando um grande projeto de estudos da Fundação Casa de Rui Barbosa sobre o Pré-Modernismo literário brasileiro. Coube a Autran Dourado, na ocasião, a escrita do prefácio da obra, denominado “O meu mestre Rangel”. Nele, Dourado apresenta algumas das lições que teria aprendido com Godofredo Rangel, tornado, depois, personagem de *Um escritor aprendiz* (DOURADO, 1989). Em síntese, Dourado diz que deve a Rangel

[...] o aprendizado literário, a seriedade diante da obra, a humildade, a certeza de que ela é muito maior do que a nossa pessoa, que exprimimos para criar e não criamos para nos exprimir. Quando o escritor se sobrepõe á obra, estamos diante de um homem de letras, de um homem público [...] quando se dá o contrário, estamos diante de um verdadeiro artista. Foi essa a primeira lição que recebi do escritor Godofredo Rangel.” (DOURADO, 2000, p. vii)

Em seu prefácio, Autran Dourado registra a primeira impressão que teve em seu primeiro encontro com Godofredo Rangel. Contava ele, então, dezessete anos e, por insistência do pai, devia levar pessoalmente seu primeiro livro de contos para que Rangel avaliasse. O velho escritor, juiz aposentado, recebeu-o em sua casa.

Quando surgiu Godofredo Rangel. Me pareceu muito velho e doente, magro, as bochechas chupadas, os olhos fundos. Veio na minha direção e me estendeu a mão fina e comprida. Era todo fragilidade. Delicadamente, a voz baixa, quase um sussurro, mandou que eu sentasse. Aqui deste lado, disse ele. Não estou ouvindo bem do ouvido esquerdo.

[...] Se é verdade que o estilo é o homem, ali estava, como um espelho, o seu contrário – o homem era o seu estilo. Apesar da voz baixa, o que ele dizia era límpido e perfeito, as palavras precisas, a emoção delicadamente domada. Como a sua forma literária, o estilo que ele alcançou. (idem, p. ix)

A delicadeza ou fragilidade notada por Autran Dourado em seu encontro com o mestre Rangel fora, antes, identificada por Antonio Candido, que incluiu Rangel no grupo de artistas pré-modernistas que escreviam com apuro formal e delicadeza de estilo, uma “literatura caligráfica”, metáfora que relevaria o cuidado com que os prosadores do início do século XX se dedicavam à produção literária. Apuro, cuidado e respeito pela obra literária estavam entre as lições que Autran Dourado recebera do mestre no segundo encontro. Nele, Godofredo Rangel apresentou sugestões e encaminhamentos de leituras - lições que foram importantes na formação de Autran Dourado como escritor. Rangel comentou também os contos do jovem Dourado:

Li bem o seu livro, não o publique [...]. Graças a Deus você não é precoce, posso fazer alguma coisa por você. Você escreve bem, escorreitamente, mas escrever bem é obrigação de todo bom escritor. Você parece ter boa formação escolar, obedece rigorosamente à gramática, o que me agrada. Foi nessa escola de respeito às normas que fui criado, era como se usava escrever quando eu era jovem. Hoje os tempos são outros, outra a estética, o que não deixa de estar certo. (idem, p. xi)

Corria o ano de 1943. Embora não tenha aderido às novidades estilísticas trazidas pelo Modernismo, Godofredo Rangel mantinha-se atualizado e tinha viva consciência das mudanças de rumo imprimidas à literatura brasileira nas primeiras décadas do século XX. Ainda assim, as lições do antigo escritor foram uma grande contribuição ao jovem Autran Dourado. A primeira observação de Rangel é que escrever bem é obrigação do bom escritor e escrever bem significava para ele respeitar a norma padrão, culta, da língua portuguesa.

A indicação de não publicar os primeiros escritos também foi importante: o escritor deve se preparar pelo exercício contínuo, constante e primordial da leitura literária. Rangel sugere ao aprendiz que estude “[...] duas ou três línguas de densidade cultural literária como o francês e o inglês” (ibidem), pois a leitura da literatura em

língua portuguesa, para Rangel, era insuficiente pela sua pobreza. Tal avaliação da literatura em língua portuguesa é compreensível para o homem de letras da primeira metade do século XX; nascido em 1884, a mocidade de Godofredo Rangel, período de maior produtividade literária, se deu entre as quatro primeiras décadas do século passado. Rangel publicou três romances: *Falange gloriosa*, seu primeiro romance, fora publicado em 1917 em folhetim no jornal *O Estado de S. Paulo* e, postumamente, em livro, em 1955; *Vida ociosa*, de 1920, é considerado o principal romance do autor e *Os bem casados*, publicação póstuma, de 1955. Há também a novela *A filha*, de 1929. Rangel publicou ainda dois volumes de contos: *Andorinhas*, em 1921, e *Os humildes*, em 1944. Voltados especialmente para o público infantil foram escritos três livros, todos publicados em 1943: *Um passeio à casa de Papai Noel*, *A banda de música da onça* e *Histórias do tempo do onça*. Nove títulos é uma produção modesta, mas considerável, ainda mais quando o autor pertence a um grupo de escritores sensíveis à beleza formal, donos de uma escrita caprichada, elegante, tão bem cuidada e contida como o trabalho do calígrafo, que não admite garranchos nem os arroubos das paixões desenfreadas. É nesse grupo de homens “mentalmente ricos e apaixonados pelo mister de escrever” que Antonio Candido ([19--], p. 5) inclui Godofredo Rangel, o mestre de Autran Dourado.

Além do apuro formal e das leituras literárias, Godofredo Rangel lembra também ao jovem Autran Dourado a importância da disciplina no fazer literário: “Vejo que você é aplicado, o que é bom, disse ele. Sem aplicação e disciplina não se faz nada, principalmente romance. Dizem que os gênios não têm disciplina, mas os gênios não são modelos para ninguém. Eles criam a sua própria disciplina, que só serve para eles.” (DOURADO, 2000, p. xi) E, num outro trecho: “Não se aprende com gigantes, mas com os bons artesãos, com os que conhecem bem o ofício. Não há nada mais ridículo do que um anãozinho procurando imitar os passos de um gigante.” (idem, p. xiii). Conhecer bem o ofício de escritor, para Rangel, implicava não apenas na observância às normas gramaticais, na leitura de bons autores e em disciplina de trabalho. Para ele, também era fundamental o convívio com outros escritores iniciantes – experiência que ele mesmo tivera na juventude.

Rangel pertencera ao grupo que criou o *Minarete*, periódico de presença marcante na vida literária paulistana do início do século XX. Editado por Benjamin Pinheiro, o jornal circulou em Pindamonhangaba entre julho de 1903 e julho de 1907, veiculando artigos escritos pelo grupo do Cenáculo - tal era o nome que dava a si

mesmo o grupo de estudantes de Direito que se reunia no Café Guarani e na república estudantil do Minarete, cujo nome veio a batizar também o jornal de Pinheiro. Desse seleto grupo participavam, além de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, outros jovens escritores, como José Antonio Nogueira, Ricardo Gonçalves, Raul de Freitas e Albino de Camargo. É nessa convivência que se forma boa parte da personalidade literária de Rangel.

Assim, novamente baseado em sua vivência, Rangel aconselha o escritor aprendiz, que testemunha: “Godofredo Rangel ainda me aconselhou a buscar depois a companhia dos escritores que, como eu, estavam começando a escrever. o aprendizado coletivo ajuda muito, disse ele. Perde-se menos tempo em procurar descobrir sozinho os livros importantes que merecem realmente ser lidos. (DOURADO, 2000, p. xii).

No romance *Um artista aprendiz* (DOURADO, 1989), João da Fonseca Nogueira – que, em parte, representa Autran Dourado (DOURADO, 2000) – também tem um encontro fundamental com o escritor Sílvio Sousa – que, segundo Dourado (2000), representa Godofredo Rangel. A descrição desse encontro coincide, em parte, com aquela apresentada no prefácio de *Vida ociosa* (RANGEL, 2000). Ao final do primeiro ano do curso Colegial em Belo Horizonte, João retorna a Duas Pontes e é indagado por um amigo, o médico Dr. Alcebíades, que lhe pergunta se já entrara em contato com Sílvio Sousa, residente em Belo Horizonte. João afirma que não o procurara por vergonha e falta de coragem, e por acreditar que o renomado escritor não gastaria seu tempo com um iniciante. Dr. Alcebíades insiste no encontro e roga a João que procure o Dr. Saturnino, literato local e amigo de Sousa, ao que João acede.

Dr. Saturnino conta a João o pouco que sabia de Sílvio Sousa: “Não é só um escritor de valor, é um homem simples e bom, não se queixa da vida. Apesar do seu enorme sofrimento, é uma alma franciscana. [...] Escritor de estilo castigado, de prosa pura, repousada, gramaticalmente impecável.” (DOURADO, 1989, p. 72).

O literato de Duas Pontes entrega a João um maço de cartas recebidas de Sílvio Sousa – por elas é que João conhecerá melhor o escritor que tanto admirava: “Sua vida parecia com a sua prosa: comedida, feita de escondidos sofrimentos, que ele disfarçava com fina ironia.” (DOURADO, 1989, p. 72).

Após a leitura das cartas, João relê os dois romances de Sílvio Sousa que conhecia: “Vida interna”, referência ao romance *Falange Gloriosa* (RANGEL, [19--]), e “Cidade sufocada”, nome ficcional do romance *Vida ociosa* (RANGEL, 2000). Os títulos fictícios dados por Autran Dourado aos romances de Godofredo Rangel

condizem com o tema das obras; o autor faz questão de dar ao leitor informações que o levam a identificar os romances rangelianos, caso o leitor tenha essa informação em seu repertório cultural. Aliás, esse é um procedimento comum em *O artista aprendiz* (DOURADO, 1989): as personagens ficcionais guardam muita semelhança com aquelas que representam, e o narrador as apresenta de modo que podemos identificá-las com facilidade.

A propósito dos nomes, vale observar que os dois “mestres” do artista aprendiz – Sinval de Sousa, o filósofo, e Sílvio Sousa, o escritor – têm as mesmas iniciais e o mesmo sobrenome, o que os irmana na condição de pertencentes à “família” de influências formativas do futuro escritor.

Elencamos, para este estudo, três momentos desse encontro e comparamos a matéria ficcional com o depoimento no prefácio a *Vida ociosa* (RANGEL, 2000).

[1] João à espera do encontro. Findo o período de férias, João retorna a Belo Horizonte; após alguns dias, recebe um telefonema de Sílvio Sousa, que agenda um encontro para o dia seguinte. João comparece, timorato, antes do horário determinado: oito horas. No romance, o narrador informa que a personagem ali chegara “antes da hora marcada”, fica “andando de um lado para o outro, torcendo as mãos úmidas” e observa a casa do escritor: modesta e padronizada, “feita pelo governo quando da mudança da capital de Ouro Preto para Belo Horizonte”, com pequeno alpendre na lateral e três janelas na fachada. João “ficou andando de um lado para o outro, torcendo as mãos úmidas” e, às oito horas e cinco minutos, João toca a campainha. (DOURADO, 1989, p. 74)

No texto de 2000, Dourado é mais econômico na descrição desse momento, trazendo outras informações: chegara à frente da casa de Godofredo Rangel às sete e quarenta e cinco; a casa, modesta, ficava no bairro da Floresta, próxima a uma igreja. O jovem Autran evocado da memória do escritor movimenta-se tal qual a personagem – “fiquei andando de um lado para o outro, as mãos úmidas, o coração pesado de ansiedade e medo. Ia ver um deus, era assim que eu antecipadamente vivenciava aquele encontro.” (DOURADO, 2000, p. viii) Aqui as emoções são mais definidas: medo, ansiedade, desproporção entre a sua pequenez e a grandeza do outro. Tal qual fora dito no romance, passados cinco minutos da hora marcada, toca a campainha.

[2] Literatura antiga e contemporânea. No romance, a fala de Sílvio Sousa começa aludindo ao Dr. Saturnino, o amigo comum, que lembra ser um bom poeta, embora não tivesse publicado seu livro de sonetos: “a forma límpida e perfeita, as palavras precisas, a emoção delicadamente domada. Exatamente como não se faz mais poesia hoje em dia.” (DOURADO, 1989, p. 74). Quanto ao Modernismo, Sílvio Sousa não se coloca contra, tal qual fizera o amigo “Monteiro Lins” – que identificamos como Monteiro Lobato –, de caráter mais “virulento e combativo” que o seu. Encontrando uma brecha na fala do escritor, João elogia como admirável seu romance “Cidade sufocada”. Sousa reage com aparente desagrado ao adjetivo: “Livro antigo e velho como eu, um juiz e escritor aposentado [...]. É literatura que não se pratica mais hoje em dia. o que está em voga é outra coisa, as novidades extravagantes que costumam ser passageiras, vindas com o dernier bateau.” (DOURADO, 1989, p. 75) Na impressão de João, Sílvio Sousa “correspondia ao retrato que dele fizera o dr. Saturnino, á imagem que lhe deram as suas cartas. Os olhos tristes e apagados, as delicadas e sofridas feições de quem tem um íntimo convívio com a dor.” (ibidem).

No prefácio, tal como observamos no item anterior, Autran Dourado é mais sucinto e modifica ligeiramente a forma de narrar as mesmas impressões. Nele não comparece a figura intermediária de Saturnino; o encontro com o escritor é intermediado por seu pai; é ele quem marca a reunião dos dois. Por sua vez, as qualidades da escrita de Saturnino que Rangel aponta na ficção são atribuídas, no prefácio, a Rangel: “o que ele dizia era límpido e perfeito, as palavras precisas, a emoção delicadamente domada.” (DOURADO, 2000, p. ix) O escritor também aqui menciona o elogio feito ao primeiro romance de Rangel, que mostra igualmente desagrado e pronuncia exatamente as mesmas palavras ditas no episódio correspondente do romance. O que muda é a forma com que Dourado apresenta a impressão que a figura de Rangel lhe deixara na memória, que correspondia ao retrato que fizera dele a partir da leitura de suas obras (e não da leitura das cartas e obras, como para o fictício João).

[3] Os conselhos do mestre Rangel. Na sequência tanto do romance quanto do prefácio, Dourado apresenta os conselhos recebidos de Godofredo Rangel no segundo encontro, que se deu quinze dias após o primeiro. Nesse intervalo, Rangel lera os originais de um livro de contos que Dourado havia escrito. Nos dois relatos, as recomendações são as mesmas que já apresentamos, com exceção de uma delas, que

comparece somente no romance. Sílvio Sousa aconselhara João a aprender francês e inglês, ao que o rapaz objetara que não tinha dinheiro para isso: “[...] eu sou pobre, vivo de mesada, não tenho dinheiro para pagar professor.” (DOURADO, 1989, p. 80). Sousa indica, então, o caminho para superar esse obstáculo:

Eu também fui e sou [pobre], disse Sílvio Sousa. Mas aprendi, com sacrifício, é verdade. A pobreza é o diabo, muito problema literário seria resolvido com um bom cheque.

João riu com o humor do velho, que disse então é preciso que você arranje logo um emprego público. Em geral funcionário público não tem muito o que fazer, o governo é patrão relaxado, você terá tempo para ler durante o expediente. Se o governo não faz nada, o que custa ele garantir o sustento de um escritor? Aqui em Minas é quase uma norma do governo nomear escritor para cargo burocrático.

João achou que havia um certo cinismo no puro Sílvio Sousa. Como se adivinhasse o que João estava pensando, Sílvio Sousa disse você tem de pagar um preço, se quer ser um grande escritor, e eu acho que o único preço que você pode pagar no momento é esse. procure o chefe político de sua terra. Sei que estamos numa ditadura, mas os chefes oligarcas continuam, são eles que fazem o prefeito nomeado e não eleito. fale com ele, ele manda no prefeito. (DOURADO, 1989, p. 81)

João segue à risca o conselho do mestre, e, por intercessão da mãe junto ao prefeito de sua cidade natal, que recomendara João ao secretário do Interior e Justiça de Belo Horizonte, consegue o almejado – e, segundo Sílvio Sousa, necessário – emprego público. A verve irônica de Sílvio Sousa, notada por João, é encontrável também nos textos literários de Godofredo Rangel, nos quais os conselhos dados ao jovem escritor são levados a efeito com perfeição.

Esse encontro teria impressionado vivamente Autran Dourado, que conclui da mesma forma os dois relatos: “Quando João saiu da casa de Sílvio Sousa, respirou fundo a noite fria e estrelada. Sabia que o caminho era duro e difícil, de pedras, mas se sentia confiante. Pela primeira vez desde que chegara a Belo Horizonte era um homem inteiramente feliz.” (DOURADO, 1989, p. 81).

João seguiria sua trajetória de formação seguindo as indicações de Sílvio Sousa, e acrescentando a elas novas experiências, sejam de natureza política ou amorosa – ou, mais frequentemente, ambas misturadas. Contudo, não esquece do mestre: no capítulo nove, ao reencontrar Aurélia, que conhecera anos atrás numa viagem e que seria o seu maior amor, trocam experiências: “Agora ele queria saber tudo dela, o que tinha feito

naqueles três anos. Fix coisa que não foi brincadeira, disse ela. A mais importante foi ter entrado pro partido. Pra mim, a mais importante foi ter conhecido o escritor Sílvio Sousa, disse ele. Os conselhos que ele me deu foram importantíssimos.” (DOURADO, 1989, p. 144, grifo nosso).

O ingresso de Aurélia no Partido Comunista e o encontro de João com Sílvio Sousa selam o destino de ambos: Aurélia subordinará tudo, inclusive o amor, ao pertencimento ao partido; João, que mais tarde se filiaria igualmente ao mesmo partido, abdica dele por discordar das diretrizes que o partido impunha para a criação literária – vence, nele, o ideal de escritor livre que sempre perseguira.

As lições do mestre Rangel são repetidas ao longo do livro pela personagem de João. Em diálogo com um amigo, já no capítulo doze, João afirma: “Não posso perder tempo, o romance policial é o ópio dos intelectuais” (DOURADO, 1989, p. 167), ecoando o ensinamento de Sílvio Sousa, apresentado no capítulo quatro: “Não leia romance policial nem mesmo para se distrair, o romance policial é uma máquina, pura racionalidade, lógica e dedução. A única emoção que há nele é o suspense e o enredo, mas o enredo e o suspense são coisas muito secundárias no romance, servem apenas para manter presa a atenção do leitor.” (DOURADO, 1989, p. 80)

Este ensinamento é lembrado pelo protagonista de *Um artista aprendiz* (DOURADO, 1989) pouco antes de receber um chamado do mestre escritor. João vai ao encontro do mestre – este seria o último encontro entre ambos, visto que três dias depois a morte alcança o velho e adoentado escritor. Nessa ocasião, Sousa aponta um progresso enorme nas publicações de João Nogueira, as quais ele vinha secretamente acompanhando. Comentam, ambos, os exercícios literários de João, e suas leituras, especialmente o *Ulisses*, de James Joyce, romance que João identifica como inovador na técnica da livre associação de ideias. Rangel explica ao aprendiz a técnica de Joyce: “[...] cada capítulo do *Ulisses* tem como referência um episódio da *Odisseia*. As andanças do personagem Leopoldo Bloom correspondem ao périplo de Ulisses de volta a Ítaca. Cada episódio tem um símbolo, cada um uma técnica, cada um um estilo. Veja você, João, como é difícil inventar em literatura, uma arte muito antiga.” (DOURADO, 1989, p. 169)

Em seguida, o mestre elenca obras anteriores ao *Ulisses* em que as técnicas empregadas por Joyce já apareciam – inclusive no romance *O ermitão de Muquém*, de Bernardo Guimarães; este já usara a técnica de variar os estilos para cada parte da obra.

Ao que parece, Godofredo Rangel/Sílvio Sousa permaneceu até os últimos dias como um leitor perspicaz tanto da literatura nacional, quanto da universal.

As lições do mestre Rangel, no romance, ficariam guardadas no coração de João da Fonseca Nogueira, que voltaria a elas outras vezes durante seu percurso formativo. Tudo leva a crer, dada a reverência com que Autran Dourado se refere a Rangel, que o mesmo se tenha dado na vida real. Depoimentos de outros escritores, como Carlos Drummond de Andrade, revelam o mesmo respeito pelo trabalho e pela pessoa do mestre, cuja obra procuramos, com nossa investigação, reacender na memória dos leitores brasileiros.

Referências Bibliográficas:

CANDIDO, Antonio. Literatura caligráfica. In: RANGEL, Godofredo. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos [19--]. p. 5-11.

DOURADO, Autran. Prefácio. O mestre Rangel. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. vii-xii.

_____. *Um artista aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. São Paulo: Ática, 1998.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleire: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

RANGEL, Godofredo. *A falência das letras*. São Paulo, 1925. Documento do Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Monteiro Lobato.

_____. *A filha: romance*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1929. Documento do Acervo Monteiro Lobato, da Biblioteca Monteiro Lobato.

_____. *Falange gloriosa*. São Paulo: Melhoramentos [19--].

_____. *Os bem casados*. São Paulo: Melhoramentos [19--a].

_____. *Passeio à casa de Papai Noel*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. Acervo da Biblioteca Belmonte.

_____. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

